

*NICHOLAS SPARKS*

*LAÇOS QUE PERDURAM*

*TRADUZIDO DO INGLÊS POR*

*MARIA CLARA DE BIASE*

ASA

*Quatro anos depois*

Nos anos que se seguiram à morte de Jim, Julie Barenson de algum modo conseguiu retomar a sua vida. Mas isso não aconteceu logo. Os primeiros anos foram difíceis e solitários, mas com o tempo a sua perda transformou-se em algo mais suave. Embora amasse Jim e soubesse que parte dela *sempre* o amaria, a dor não era tão forte quanto fora antes. Ela lembrava-se das lágrimas e de como a vida se tornara vazia depois da morte dele, mas a dor dilacerante tinha ficado para trás. Agora, quando pensava em Jim, era com um sorriso no rosto, grata por ele ter feito parte da sua vida.

Também se sentia grata por *Singer*. Jim tinha feito a coisa certa ao comprar o cão para ela. De certo modo, o cachorro permitira-lhe seguir em frente.

Mas naquele momento, deitada na cama numa manhã fria de primavera em Swansboro, Julie não pensava no apoio maravilhoso que *Singer* representara para ela nos últimos quatro anos. Em vez disso, maldizia a existência dele enquanto se esforçava para respirar e pensava «não acredito que vou morrer assim, esmagada na cama pelo meu próprio cão». Com *Singer* esparramado em cima dela, Julie imaginou os seus lábios a ficarem azuis por falta de oxigénio.

– Levanta-te, seu cão preguiçoso – disse, ofegante. – Estás a dar cabo de mim.

Roncando profundamente, *Singer* não deu ouvidos a Julie, que começou contorcer-se, tentando acordá-lo. Sufocando sob o seu peso, tinha a sensação de que tinha sido enrolada num cobertor e atirada a um lago, como a Máfia costumava fazer.

– Estou a falar a sério – disse com dificuldade. – Não consigo respirar.

*Singer* levantou finalmente a grande cabeça, piscou os olhos e olhou para ela, sonolento. *Porquê esse barulho todo?* – parecia perguntar. *Não vês que estou a tentar descansar?*

– Sai! – ordenou Julie.

*Singer* bocejou, encostando o focinho frio ao rosto dela.

– Ok, ok, bom dia. Agora sai.

Com isso, *Singer* bufou e levantou-se, pisando várias partes do corpo de Julie. Ficou mais alto. Mais alto. E mais alto. Um instante depois, assomava acima dela com um único fio de baba a escorrer da boca, parecendo ter saído de um mau filme de terror. Meu Deus, pensou Julie, ele é *enorme*. Por esta altura eu já devia estar habituada. Respirou fundo e olhou para *Singer*, franzindo as sobrançelas.

– Eu disse que podias dormir na minha cama?

*Singer* costumava dormir num canto do quarto de Julie. Mas nas duas últimas noites tinha-se esgueirado para a cama e deitado ao lado dela. Ou, mais exatamente, em cima dela. Cão maluco.

*Singer* baixou a cabeça e lambeu o rosto de Julie.

– Não, não desculpo – disse ela, afastando-o. – Nem penses que te safas assim. Podias ter-me matado. Sabias que tens quase o dobro do meu peso? Agora sai da cama.

*Singer* gemeu como uma criança amuada e saltou para o chão. Julie sentou-se na cama, com o peito e as costas a doer. Olhou para o relógio e pensou: «Já?» Ela e *Singer* espreguiçaram-se ao mesmo tempo, antes de Julie afastar as cobertas.

– Anda – chamou. – Vou deixar-te ir lá fora antes de eu entrar no chuveiro. Mas não vás cheirar os caixotes do lixo dos vizinhos outra vez. Eles deixaram uma mensagem grosseira no gravador de chamadas.

*Singer* olhou para ela.

– Eu sei, eu sei – disse Julie. – É só lixo. Mas algumas pessoas são muito estranhas.

*Singer* saiu do quarto e foi até à porta da frente. Julie seguiu-o, rodando os ombros para os relaxar. Fechou os olhos por um instante. Grande erro. Ao sair do quarto, bateu com um dos dedos do pé na cómoda. Deu um grito e começou a praguejar, combinando os palavrões mais incríveis. Saltando num pé e vestida com um pijama cor-de-rosa, tinha a certeza de que parecia uma versão louca daquele coelho da propaganda das pilhas *Duracell*. *Singer* lançou-lhe apenas um olhar que parecia dizer: *Porque demoras tanto? Foste tu que me acordaste, portanto despacha-te. Tenho coisas a fazer lá fora.*

– Não vês que me magoei? – gemeu.

*Singer* bocejou de novo e Julie esfregou o dedo do pé antes de o seguir, a coxear.

– Obrigada por me ajudares. És inútil numa emergência.

Logo depois de pisar o dedo de Julie – ela *sabia* que ele tinha feito aquilo de propósito –, *Singer* saiu. Em vez de se dirigir aos caixotes do lixo dos vizinhos, deambulou pelos terrenos arborizados e vazios que ficavam ao lado da casa de Julie. Ela viu-o virar a grande cabeça de um lado para o outro, como se se certificasse de que ninguém plantara árvores ou arbustos novos na véspera. Todos os cães gostavam de marcar o seu território, mas *Singer* parecia achar que, se tivesse lugares suficientes para se aliviar, seria coroado o rei de todos os cães do mundo. Pelo menos isso deixava Julie livre dele por algum tempo.

Meu Deus, obrigada por isto, pensou Julie. Nos últimos dias, *Singer* estava a enlouquecê-la. Seguia-a por toda parte, recusando-se a perdê-la de vista por um instante sequer, exceto quando ela o deixava sair. Julie não conseguia nem lavar a loiça sem esbarrar nele

uma dúzia de vezes. E à noite era ainda pior. Na noite passada *Singer* tivera um ataque de uivos, intercalados com latidos ocasionais. Isso deixou Julie a pensar se deveria comprar uma casota com isolamento acústico ou uma espingarda.

Não que *Singer* algum dia tivesse sido... bem, normal. Com exceção da questão de demarcar o território, ele sempre agira como se fosse humano. Recusava-se a comer numa tigela, nunca precisava de trela na coleira e, quando Julie via televisão, subia para o sofá e olhava para o ecrã. Quando Julie falava com ele – ou melhor, sempre que alguém falava com ele –, *Singer* inclinava a cabeça e olhava atentamente, como se estivesse a acompanhar a conversa. A maior parte das vezes parecia mesmo entender o que Julie dizia. Não importava o que ela dissesse ou quão absurda fosse a ordem, *Singer* obedecia. *Podes ir buscar a minha carteira?* *Singer* voltava saltitando com a carteira um momento depois. *Podes apagar a luz do quarto?* Ele equilibrava-se sobre duas patas e carregava no interruptor com o focinho. *Põe esta lata de sopa na despensa, está bem?* Ele carregava-a na boca e arrumava-a na prateleira. É claro que há outros cães bem treinados, mas não tanto assim. Além do mais, *Singer* não precisara de treino. Pelo menos não de treino formal. Tudo o que Julie fizera fora mostrar-lhe as coisas uma única vez. Para os outros isso parecia muito estranho, mas Julie gostava, pois fazia com que ela se sentisse um Dr. Dolittle moderno.

Mesmo que isso significasse dizer frases completas ao cão, ter discussões com ele e pedir-lhe conselhos de vez em quando.

Não era tão estranho assim, pois não?, perguntava a si mesma. Estavam juntos desde que Jim morrera e durante a maior parte do tempo *Singer* era uma ótima companhia.

Contudo, o cão começara a agir de modo estranho desde que ela voltara a sair e não tinha gostado de nenhum dos homens que apareceram à sua porta nos últimos meses. Julie esperava que isso fosse acontecer. *Singer* tendia a rosnar aos homens quando os via pela primeira vez, desde cachorro. Julie costumava pensar que *Singer* tinha um sexto sentido que lhe permitia distinguir os homens

bons dos que ela deveria evitar, mas mudara de opinião recentemente. Agora não conseguia deixar de pensar que o cão era uma versão grande e peluda de um namorado ciumento.

Isso estava a tornar-se um problema, concluiu. Precisava de ter uma conversa séria com ele. *Singer* não queria que ela ficasse sozinha, queria? É claro que não. Ele poderia demorar um pouco a habituar-se a ter outra pessoa por perto, mas acabaria por se acostumar. Com o tempo, até ficaria feliz por ela. Mas qual seria a melhor maneira de lhe explicar tudo isso?, perguntou-se.

Julie parou por um momento, refletindo, antes de perceber as implicações do que estava a pensar.

Explicar-lhe tudo aquilo? Pelo amor de Deus! Estou a ficar louca.

Coxeou até o quarto de banho, para se arranjar para o trabalho, despindo o pijama pelo caminho. Em frente ao lavatório, fez uma careta ao ver o seu reflexo no espelho. Olhe só para mim, pensou, tenho 29 anos e estou um caco. As suas costelas doíam quando ela respirava, o dedo grande do pé latejava e ela deu-se conta de que o espelho não estava a ajudar em nada. Durante o dia, os seus cabelos castanhos eram longos e lisos, mas depois de uma noite de sono pareciam ter sido atacados por gnomos. Estavam desgrenhados e eriçados, «em posição de defesa», como Jim costumava dizer. O rímel tinha esborratado o seu rosto. Estava com a ponta do nariz vermelha e os olhos verdes inchados por causa do pólen da primavera. Mas um duche resolveria o problema, não resolveria?

Bem, talvez não o problema da alergia. Abriu o armário dos medicamentos e tomou um anti-histamínico antes de se ver de novo ao espelho, como se esperasse uma súbita melhoria.

Argh.

Imaginou que, no fim de contas, não teria de se esforçar muito para fazer com que Bob perdesse o interesse nela. Há um ano que ela lhe cortava o cabelo – ou o que restava dele. Dois meses antes, Bob reunira finalmente coragem para convidá-la para sair. Não era o homem mais bonito do mundo – estava a ficar careca, tinha um

rosto redondo, olhos muito juntos e uma barriginha saliente –, mas era solteiro e bem-sucedido e Julie não saía com ninguém desde a morte de Jim. Ela pensara que seria uma boa oportunidade para voltar a ter encontros. Ledo engano. Havia um bom motivo para Bob ser solteiro. Ele não era apenas feio. Tinha sido tão enfadonho no restaurante que até as pessoas nas mesas próximas a olharam com pena. O seu assunto favorito era contabilidade. Bob não demonstrara interesse em mais nada: na ementa, no tempo, em desportos, em Julie, nem no vestido preto e curto que ela usava. Só em contabilidade. Durante três horas ouvira-o discorrer sobre deduções de imposto de renda e distribuições de lucro, depreciações e fundos. No fim do jantar, quando ele se inclinou sobre a mesa e confessou que «conhecia pessoas importantes nas Finanças», os olhos de Julie já estavam vidrados.

Escusado será dizer que Bob se tinha divertido muito. Desde então telefonava três vezes por semana perguntando «se poderiam encontrar-se para uma segunda consulta, eh, eh, eh». Bob era persistente, sem dúvida. Muito chato, mas persistente.

Também havia Ross, o médico, o segundo homem com quem ela saiu. Ross, o bonitão; Ross, o perverso. Um encontro com ele foi suficiente, obrigada.

E não se podia esquecer do bom e velho Adam. Ele disse que trabalhava para o condado, que gostava do que fazia e que era apenas um homem comum.

Julie descobriu que Adam trabalhava nos esgotos.

Embora ele não cheirasse mal, não tivesse substâncias desconhecidas sob as unhas e o seu cabelo não fosse oleoso, Julie sabia que jamais aceitaria a ideia de que um dia Adam poderia aparecer à sua porta com esse aspeto.

*Houve um acidente nas instalações, querida. Desculpa-me por voltar para casa assim.* Sentia arrepios só de pensar nisso. Tão-pouco conseguia imaginar-se a separar as roupas de trabalho dele para lavar. O relacionamento estava condenado ao fracasso.

Fora justamente quando Julie começara a perguntar-se se ainda existiam pessoas normais como Jim, ou o que é que nela parecia atrair homens esquisitos – como um letreiro em néon a anunciar «Disponível, Normalidade Não Exigida» –, que Richard entrara em cena.

E por milagre, mesmo depois do primeiro encontro, no sábado, ele ainda parecia... *normal*. Consultor da J. D. Blanchard Engineering – a empresa que estava a reparar a ponte sobre o Intracoastal Waterway –, nos arredores de Cleveland, eles conheceram-se quando Richard foi ao salão para cortar o cabelo. Acabaram por combinar uma saída. Durante o encontro, ele abriu-lhe as portas, sorriu nos momentos certos, pediu o jantar de Julie ao empregado de mesa e não tentou beijá-la quando se despediram. O melhor de tudo: Richard era bonito de um modo artístico, com maçãs do rosto proeminentes, olhos cor de esmeralda, cabelo preto e bigode. Depois de ele a ter deixado em casa, Julie teve vontade de gritar: *Aleluia! Encontrei a luz!*

*Singer* não parecera tão impressionado. Depois de Julie se ter despedido de Richard, o cão fez uma das suas cenas de «quem manda aqui sou eu», rosnando até Julie abrir a porta.

– Ah, para com isso – disse ela. – Não sejas tão duro com ele.

*Singer* fez o que ela mandou, mas retirou-se para o quarto, onde ficou amuado durante o resto da noite.

Se o meu cão fosse um pouco mais estranho, pensou Julie, poderíamos juntar-nos a um circo e atuar ao lado do homem que engole espadas. Mas minha vida também não tem sido exatamente normal.

Abriu a torneira e entrou no chuveiro, tentando parar a torrente de lembranças. De que adiantava pensar nos momentos difíceis? Muitas vezes refletia que a sua mãe tivera duas atrações fatais: álcool e homens nocivos. Qualquer uma delas já teria sido má, mas a combinação das duas fora insuportável para Julie. A mãe trocava de namorado a toda a hora e alguns deles fizeram Julie sentir-se muito desconfortável ao chegar à adolescência. De facto, o último

tinha tentado assediá-la e, quando Julie contou à mãe, ela, enraivecida e a chorar devido ao álcool, acusara-a de *se insinuar* a ele. Não demorou muito para Julie se ver sem casa.

Viver na rua foi apavorante, mesmo que não tenha sido por mais de seis meses, até Jim aparecer. A maioria das pessoas que Julie conhecia consumia drogas, mendigava, roubava ou fazia coisas piores. Temendo tornar-se como os fugitivos que via todas as noites nos abrigos e nos becos mal iluminados, Julie procurou desesperadamente qualquer emprego que a mantivesse fora das ruas e lhe oferecesse um prato de comida. Aceitou todos os trabalhos humilhantes que lhe propuseram e manteve a cabeça baixa. Quando conheceu Jim num restaurante em Daytona, estava a tomar um café com os últimos trocos que lhe restavam. Jim pagou-lhe o pequeno-almoço e, ao sair, disse que faria a mesma coisa no dia seguinte, se ela voltasse. Faminta, Julie voltou, e quando lhe perguntou sobre seus motivos para fazer aquilo – presumira saber quais eram e tinha-se preparado para constrangê-lo em público falando sobre abuso de menores e penas de prisão –, Jim negou ter quaisquer segundas intenções. No fim daquela semana, quando ele se preparava para ir para casa, fez uma proposta a Julie: se ela se mudasse para Swansboro, na Carolina do Norte, ele ajudá-la-ia a encontrar um emprego a tempo inteiro e um lugar onde ficar.

Julie lembrava-se de ter olhado para ele como se Jim fosse doido.

Um mês depois, porém, como não tinha muita coisa programada, Julie foi para Swansboro. Ao sair do autocarro, pensou: *O que estou aqui a fazer?* Mas, apesar do ceticismo inicial, procurou Jim, que a levou ao salão de cabeleireiro para conhecer a tia Mabel. E, para sua surpresa, pouco depois ela estava a varrer o chão em troca de um salário e a morar no quarto por cima do salão.

No início, Julie ficou aliviada com a aparente falta de interesse de Jim. Depois, curiosa. A seguir, aborrecida. Por fim, depois de ter esbarrado várias vezes com ele e ter feito o que lhe pareceram insinuações descaradas, Julie deu-se por vencida e perguntou a Mabel se Jim não a achava atraente. Só então ele pareceu entender a

mensagem. Tiveram um encontro e a seguir outro e, um mês mais tarde, as hormonas estavam à flor da pele. O verdadeiro amor veio pouco depois e Jim pediu-a em casamento. A cerimónia foi na igreja onde ele tinha sido batizado e Julie passou os primeiros anos de casada a desenhar rostos sorridentes em todos os pedaços de papel que encontrava. Considerando o seu passado, o que mais podia ela desejar?

Muito, como depressa percebeu. Algumas semanas após o quarto aniversário de casamento, Jim teve uma convulsão ao voltar da igreja e foi levado para o hospital. Dois anos depois, o tumor cerebral matou-o e, com 25 anos, Julie viu-se obrigada a recomeçar. Acrescentando a isso o aparecimento inesperado de *Singer*, ela tinha chegado a um ponto da vida em que nada mais a surpreendia.

Hoje em dia, pensava, eram as pequenas coisas que importavam. Eram os acontecimentos do dia a dia que definiam quem ela era. Mabel, Deus a abençoe, tinha sido um anjo. Ajudara Julie a tornar-se cabeleireira e a levar uma vida decente, sem extravagâncias. Henry e Emma, dois grandes amigos do seu marido, não só a ajudaram a adaptar-se quando se mudara para a cidade, como continuavam próximos, mesmo depois da morte de Jim. E havia Mike, o irmão mais novo de Henry e o melhor amigo de Jim na juventude.

No duche, Julie sorriu. Mike.

Um dia ele faria uma mulher muito feliz, mesmo que às vezes parecesse um pouco perdido.

Alguns minutos depois, Julie enxugou-se, lavou os dentes, penteou o cabelo, aplicou um pouco de maquilhagem e vestiu-se. Como o seu carro estava na oficina, teria de ir a pé para o trabalho – cerca de um quilómetro e meio, seguindo pela mesma rua –, por isso calçou sapatos confortáveis. Quando estava prestes a sair, chamou *Singer* e quase não reparou no que tinham deixado para ela.

Pelo canto do olho viu um cartão preso na tampa da caixa de correio.

Abriu-o, curiosa, e leu o cartão no alpendre enquanto *Singer* saía do arvoredo e corria na sua direção.

*Querida Julie,*

*Diverti-me muito no sábado. Não consigo parar de pensar em ti.*

*Richard*

Então era esse o motivo por que *Singer* tinha enlouquecido na noite passada.

– Estás a ver? – disse ela, estendendo o cartão para *Singer*. – Eu disse-te que ele era uma pessoa bestial.

*Singer* virou-lhe as costas.

– Não faças isso. Podes admitir que erraste, sabes? Acho que só estás com ciúmes.

*Singer* esfregou o focinho nela.

– É isso? Estás com ciúmes?

Julie não precisava se baixar para lhe acariciar o dorso. *Singer* era mais alto do que ela quando era adolescente.

– Nada de ciúmes, está bem? Fica feliz por mim.

*Singer* girou em volta dela e ergueu os olhos para Julie.

– Agora vamos. Temos de ir a pé porque o Mike ainda está a arranjar o jipe.

Ao ouvir o nome de Mike, *Singer* abanou o rabo.

As letras das canções de Mike Harris deixavam muito a desejar e a voz dele não fazia com que os executivos das editoras discográficas lhe batessem à porta de casa, em Swansboro. Entretanto, ele tocava guitarra e ensaiava todos os dias, esperando que a sua grande oportunidade estivesse próxima. Em dez anos, tinha tocado numa dúzia de bandas diferentes, desde as formadas por roqueiros cabeludos e barulhentos dos anos 1980 às de estilo *country*, singelo e meloso. No palco, usara de tudo, de calças de couro e pele de cobra a calças de vaqueiro e chapéus de *cowboy*. Embora tocasse com um entusiasmo evidente e os membros das bandas gostassem dele, em geral era descartado após algumas semanas, sob a alegação de que as coisas não estavam a funcionar por algum motivo. Isso tinha acontecido vezes suficientes para que até Mike percebesse que talvez não fosse apenas um conflito de personalidade, embora ainda não conseguisse admitir que não era suficientemente bom.

Também tinha um caderno em que, no seu tempo livre, anotava os seus pensamentos, pretendendo usá-los num futuro romance. Porém, o processo de escrita era mais difícil do que tinha imaginado. Não que não tivesse ideias. Pelo contrário: tinha até de mais e não conseguia decidir o que deveria incluir na história ou não. No ano anterior, tentara escrever um romance policial ambientado num